



Literatura Portuguesa e legado:

Homenagem à Raquel de Sousa Ribeiro

Aurora Gedra Ruiz Alvarez
Nefatalin Gonçalves Neto
(orgs.)

Literatura Portuguesa e legado:
Homenagem a Raquel de Sousa Ribeiro

1ª Edição
São Paulo
Todas as Musas
2020

Editor: Flavio Felicio Botton
Supervisão Editorial: Fernanda Verdasca Botton
Diagramação: Studio Vintage Br
Aurora Gedra Ruiz Alvarez ©
Nefatalin Gonçalves Neto ©

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Kátia Aguilar CRB – 8/8898

Li775

Literatura portuguesa e legado: homenagem a Raquel de Sousa Ribeiro: teoria e prática/ Organização de: Aurora Gedra Ruiz Alvarez; Nefatalin Gonçalves Neto. São Paulo: Todas as Musas, 2020.

323p.

Bibliografia

ISBN 978-85-9583-079-0

1. Literatura portuguesa 2. Estudos literários 3. Raquel de Souza Ribeiro I. Alvarez, Aurora Gedra Ruiz II. Gonçalves Neto, Nefatalin.

CDD 869.954

Catálogo Sistemático

Literatura portuguesa 869.4; Estudos literários 801.954; Raquel de Souza Ribeiro 909.9.

Literatura Portuguesa e legado: Homenagem a Raquel de Sousa Ribeiro

Conselho Editorial

Elaine Cristina Prado dos Santos (UPM)

Marcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)

Roberto Henrique Seidel (UNEB)

Rogério Miguel Puga (Universidade Nova de Lisboa)

Paola Poma (USP)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Nefatalin Gonçalves Neto e Aurora Gedra Ruiz Alvarez 7

Biobibliografia: Professora Raquel de Sousa Ribeiro

Nefatalin Gonçalves Neto e Aurora Gedra Ruiz Alvarez 11

Prefácio - A mestra é uma possibilidade é um alumbramento é uma poesia. Ou de como Camões beijou Saramago: sobre a responsabilidade de ensinar literatura

Nefatalin Gonçalves Neto e Aurora Gedra Ruiz Alvarez 15

A HOMENAGEADA POR SI 21

O Navegador e a Busca

Raquel de Sousa Ribeiro 23

A Identidade n'A Caverna: Crise e Reconstrução

Raquel de Sousa Ribeiro 37

Do Mito Sacrificial ao Mito Renovador

Raquel de Sousa Ribeiro 51

PORQUE AS VOZES NÃO PODEM (NÃO DEVEM NEM CONSEGUEM) CALAR: HOMENAGENS 61

A Luta contra o Anjo: Uma Leitura do Poema *O Anjo* de Sophia de Mello Breyner Andresen

Alexandre Bonafim Felizardo 63

Gil Vicente no Ensino Público do Estado de São Paulo

Aline Garcia 79

O Conquistador: A Poética do Contraponto

Aurora Gedra Ruiz Alvarez 93

Diálogos Intertextuais em <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i> <i>Cátia Inês Negrão Berlini de Andrade</i>	107
O Romance Português Contemporâneo: Continuidade e Ruptura <i>Diana Navas</i>	123
<i>Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho</i> <i>Pança</i> e o Exercício da Intertextualidade <i>Flavia Maria S. Corradin</i>	143
<i>O Motim</i> , de Miguel Franco, um Ciclo Sagrado de Renovação <i>Flavio Felicio Botton</i>	151
Com Licença, Eu sou Eça de Queirós <i>Francisca Zuleide Duarte de Souza</i>	171
O Drama do Teatro de José Régio <i>Francisco Maciel Silveira</i>	181
A Cegueira em Duas Linguagens: Saramago e Meirelles <i>Jean Paul D'Antony Costa Silva</i>	189
Vozes Literárias pelos Animais: De Dostoiévski a Saramago <i>Laerte Fernando Levai</i>	207
Uma Pequena Homenagem para uma Grande Amiga <i>Lênia Márcia Mongelli</i>	235
O Menino, a Rua e o Registro de um Tempo em Convulsão: Ficção e História em José Rodrigues Miguéis <i>Márcia Valéria Zamboni Gobbi</i>	245
A Construção do Intelectual na Correspondência entre Jorge de Sena e José Régio (1946-1969) <i>Marcio Roberto Pereira</i>	255
As Figurações do Fogo e das Vozes Sociais no Conto Marido de Lídia Jorge <i>Murilo de Assis Macedo Gomes</i>	265

A Cegueira em Duas Linguagens: Saramago e Meirelles

Jean Paul D'Antony Costa Silva (UFRPE)

A “razão” hipermoderna tem como argumentação que os horizontes da história agora estariam diluídos numa temporalidade dominada pela multiplicidade do efêmero. Entendo, no entanto, nesse domínio, que o peso do triunfo da indústria de consumo diante do aqui-agora; todo o hedonismo demasiado avançando diante das massas e a promessa de ascensão social; todo o tipo de individualização consagrada; o desenfreamento das sensações frente ao novo imediatista, a negação do esclarecimento, tudo isso não é mérito ou verdade estabelecida a partir de uma modernidade superada, são novos recursos e novas encenações montadas de uma hipermodernidade. Isso porque acredito que a modernidade não foi superada, não perdeu oxigênio e, certamente, as novas verdades, no acontecer sempre prolongado e acelerado, não puderam ser mais estabelecidas como concreto do racionalismo. Veja, Marx afirma logo no início da reflexão em torno do impulso dialético da modernidade, que

Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar (...) as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos (*apud* BERMAN, 2007, p. 31).

A modernidade, em sua natureza dialética, traz consigo uma desossificação do passado e do presente, o que põe em questão toda e qualquer manutenção de tradição, porque esta se desmancha, se dilata e se redimensiona em multiformes possibilidades. A modernidade é a nova tradição que está continuamente vivificada na memória e nas novas circunstâncias. A modernidade criou uma “substância” multiforme que se autogerencia e autocertifica dentro do tempo e do espaço, a modernização. Habermas ao conceituar modernização esclarece que